



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

janeiro | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionar, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No Oeste, as temperaturas máximas diárias situaram-se acima do normal para a época em grande parte dos dias e não apresentaram ao longo do mês oscilações térmicas significativas. As temperaturas mínimas também registaram muitos dias com valores acima do normal para a época, mas apresentaram oscilações térmicas significativas ao longo do mês. Os dias com temperaturas noturnas mais baixas deram um impulso na contabilização de horas de frio (ou seja, inferiores a 7,2°C acumuladas desde 1 de outubro) necessárias ao desempenho das principais espécies fruteiras cultivadas na região.

As amplitudes térmicas diárias ao longo do mês não foram significativas.

O mês decorreu bastante cinzento e com pouca luminosidade. A maior parte dos dias apresentaram céu muito nublado e ocasionalmente com períodos de menor nebulosidade.

Houve formação de neblina ou nevoeiro, principalmente na segunda semana.

O mês foi muito ventoso. Na maior parte dos dias o vento apresentou-se fraco a moderado, mas de intensidade forte junto ao litoral. Entre os dias 21 a 30, devido à formação de várias depressões atlânticas que atravessaram o território (Ingrid, Josef e Kristin), o registo diário de rajada máxima nas estações meteorológicas de Alcobaça, Santa Cruz (Aeródromo) e Torres Vedras/Dois Portos, excedeu 50 km/h. No dia 28, com a passagem da depressão Kristin, foi registado vento muito forte, de velocidade superior a 120 km/h junto ao litoral, com capacidade destrutiva, que causou

elevados prejuízos materiais em várias explorações agrícolas.

Registou-se ocorrência de precipitação praticamente durante todo o mês, principalmente sob a forma de períodos de chuva e de aguaceiros, que por vezes foram fortes e noutras ocasiões fracos e dispersos ou pouco frequentes. O período de maior precipitação decorreu entre os dias 21 e 30 com a passagem sucessiva das três depressões atlânticas. Nesse período registaram-se valores acumulados superiores a 120mm, representando mais de metade da precipitação total do mês. A precipitação por vezes foi acompanhada de trovoadas e pontualmente por queda de granizo. No final do mês os valores da precipitação acumulada eram mais do dobro do normal para a época.

Os níveis de água no solo, já elevados desde novembro, aumentaram ainda mais com a elevada precipitação. No final do mês os solos encontravam-se totalmente à capacidade de campo, no índice CC (>99), em todos os concelhos da região. O elevado nível de saturação de água no solo provocou muitos encharcamentos e alagamentos nos campos agrícolas. Alguns terrenos com inclinação cederam, tendo ocorrido deslizamentos e abatimentos que formaram depressões no solo impeditivas de circulação de máquinas agrícolas.

Ao longo do mês houve uma boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais, tendo a mesma sido em excesso para as culturas instaladas. No final do mês, as linhas de água apresentavam caudais elevados, por vezes superiores à capacidade de escoamento, causando alagamentos nos terrenos agrícolas próximos das margens. Os volumes de armazenamento das reservas de água superficiais aumentaram face ao mês anterior e encontravam-se à capacidade máxima. As reservas de água subterrâneas apresentavam níveis superiores ao normal para a época.

As condições do tempo em janeiro foram ainda mais limitantes para a atividade agrícola do que no mês anterior. A impossibilidade de circulação de máquinas devido ao excesso de água nos solos, impediu ao longo

do mês a realização da maior parte das operações agrícolas no campo (colheitas, lavouras, sementeiras, podas, adubações e tratamentos fitossanitários), tendo algumas atividades sido realizadas manualmente. A partir do dia 21, a passagem de três depressões pelo território nacional foi acompanhada por níveis extremos de precipitação e vento que causaram muita perda de produção, além de elevados prejuízos materiais e grandes dificuldades no normal funcionamento de muitas explorações agrícolas devido a quedas de árvores e postes de energia, interrupções no fornecimento de água e eletricidade, bem como destruição de estruturas de apoio à atividade, estufas e redes de proteção dos pomares.

Com a impossibilidade de circulação de máquinas agrícolas, não se realizaram sementeiras das culturas forrageiras anuais e dos cereais praganosos de outono-inverno. Nas vinhas, as más condições climatéricas verificadas praticamente durante todo o mês limitaram a realização das operações culturais próprias da época, encontrando-se bastante atrasados os trabalhos de poda, fertilização, empa e reposição de material de tutoragem. Nos pomares de pera Rocha as condições climatéricas obrigaram a abrandar o ritmo das podas sanitárias para controlo do fogo bacteriano. As temperaturas noturnas baixas ocorridas durante alguns períodos do mês, à semelhança do anterior, deram um bom contributo na contabilização de horas de frio necessárias para as culturas permanentes, principalmente pomares de fruteiras e vinhas, que se encontravam já em repouso vegetativo e a beneficiar dessa acumulação, necessária para uma floração regular. Nos pomares em geral, os solos encontravam-se muito encharcados. As pereiras apresentam maior resistência ao encharcamento. Já as macieiras são mais sensíveis a esse fator, que poderá provocar abortamento floral e queda de flor. Como mecanismo de defesa, a macieira ao reconhecer a situação de *stress* a que se encontra sujeita, canalizará as suas reservas de energia para a produção de folhas para melhorar a fotossíntese, em detrimento da produção de flores. Nos pomares de

limão mais fustigados pela depressão Kristin houve estragos avultados com perda total da produção e árvores danificadas. O olival encontrava-se em repouso vegetativo. A saturação hídrica do solo e a sua baixa temperatura, provocou descoloração foliar, favorecida por alguma asfixia radicular pontual. Os eventos meteorológicos extremos de vento e precipitação, associados às condições de solos saturados, provocaram a queda de oliveiras jovens com sistema radicular ainda muito superficial ou debilitado, bem como de oliveiras mais antigas. As condições climatéricas e o excesso de água no solo inviabilizaram a mobilização dos solos e a realização de sementeiras de batata, atrasando a instalação da cultura. Habitualmente na região a batata de sequeiro é semeada entre a última semana de dezembro e o final de fevereiro e em janeiro decorrem sementeiras de batata de regadio. No entanto, no final do mês as sementeiras ainda não haviam sido iniciadas. Devido ao atraso, a idade fisiológica da batata de semente vai evoluindo e o envelhecimento diminui a sua capacidade produtiva, o que constitui um fator negativo na fase inicial da cultura. As condições meteorológicas tiveram um impacto muito forte nas culturas hortícolas de ar livre. Nas couves, muitas plantações que já se encontravam com dificuldade de desenvolvimento não resistiram à elevada precipitação e vento que se verificou em janeiro. Boa parte das plantações no final do mês apresentavam áreas com encharcamento ou mesmo alagamento e com perdas significativas de produção por asfixia radicular. Mesmo as plantas que apresentavam melhores condições irão ter uma produtividade bastante inferior ao normal por se encontrarem já bastante fragilizadas com o excesso de água e por se apresentarem com o desenvolvimento parado devido à falta de luz e temperatura baixa. Nas cenouras também ocorreram perdas de produção significativas, causadas por podridão associada ao excesso de água. Devido às condições climatéricas, desde o final de outubro foram realizadas muito poucas sementeiras e plantações de hortícolas de ar livre, antevendo-se uma primavera com escassez de oferta

nacional de algumas espécies e eventual subida nos preços.

No **Médio Tejo**, as temperaturas máximas diárias apresentaram alguma estabilidade, ao passo que, as temperaturas mínimas diárias apresentaram uma maior oscilação ao longo do mês. Os níveis de precipitação e humidade permaneceram bastante elevados. Comparativamente aos valores normais para a época, verificou-se a temperatura máxima um pouco superior e a temperatura mínima muito inferior, de acordo com os registos da estação meteorológica de Alvega. No final do mês nas estações meteorológicas de Tomar, Valdonas e de Alvega registou-se um acréscimo significativo do número de horas de frio face ao mês anterior.

As amplitudes térmicas foram pouco significativas durante o mês, em ambas as estações meteorológicas.

Os dias estiveram predominantemente com o céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade, registando-se alguns dias com a formação de neblina ou nevoeiro matinal.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado, temporariamente forte em alguns dias especialmente nas terras altas. A região sentiu a influência dos sistemas depressionários que trouxeram vento forte, especialmente nas terras altas e áreas mais expostas, com rajadas mais intensas nos últimos dias do mês. Em especial no dia 28, foi registada na estação meteorológica de Tomar, Valdonas uma rajada máxima de 132,8 km/h.

A precipitação ocorreu ao longo de todo o mês de forma regular e persistente. Nos últimos dias, especialmente a 27 e 28 registaram-se episódios de chuva mais intensos. A precipitação acumulada superou significativamente os valores normais para a época, situando-se cerca de 88% acima da média.

O teor de água no solo no final do mês em toda a região situava-se na totalidade à capacidade de campo, no índice CC (>99).

Na região, observou-se um aumento significativo nas reservas de água superficiais e subterrâneas, proporcionando excesso hídrico para determinadas culturas e ampla disponibilidade para o abeberamento animal.

Quanto à influência do tempo nas culturas, verificaram-se ao longo do mês condições meteorológicas desfavoráveis à instalação das culturas de inverno. A frequente e algumas vezes forte precipitação ocorrida na região impossibilitou a normal instalação dos cereais praganosos, cujas áreas semeadas não revelaram evolução face ao mês anterior. Os solos continuaram excessivamente encharcados, impossibilitando o acesso e a circulação de máquinas agrícolas. A precipitação persistente e excessiva, acima do normal para a época, juntamente com as temperaturas baixas registadas ao longo do mês, têm provocado um crescimento vegetativo quase nulo das pastagens. O atraso no desenvolvimento das pastagens e culturas forrageiras, assim como os solos se encontrarem saturados, impediram o pastoreio e houve necessidade de suplementação alimentar dos efetivos pecuários. Verificando-se por toda a região a saturação hídrica dos solos e por vezes excesso de água ou inundação, o que associado à sua baixa temperatura, provocou nas oliveiras descoloração foliar, favorecida por alguma asfixia radicular pontual. Os dois fortes fenómenos meteorológicos extremos, caracterizados pelos ventos e precipitações fortes, associados às condições de solos saturados, provocaram por toda a região a queda de oliveiras jovens, cujo sistema radicular estava muito superficial ou debilitado e também em árvores mais antigas.

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, as temperaturas máximas diárias situaram-se acima do normal para a época e não apresentaram ao longo do mês grandes variações.

As temperaturas mínimas foram inferiores ao normal para a época, apresentando ao longo do mês variações com maior significado. O número de horas de frio acumuladas no final do mês registou um acréscimo muito significativo face ao mês anterior.

As amplitudes térmicas registadas foram pouco significativas durante o mês.

Os dias decorreram principalmente com céu muito nublado e com alguns períodos de menor nebulosidade. Ocorreu com alguma frequência formação de neblina ou nevoeiro, mais concentrada a meio do mês.

A intensidade do vento foi fraca a moderada na maior parte dos dias, apresentando-se forte a muito forte nos dias de incidência das depressões climatéricas, causando estragos nas culturas instaladas.

A precipitação acumulada durante o mês foi muito elevada relativamente à normal para a época. A mesma ocorreu praticamente todos os dias, principalmente na forma de períodos de chuva e/ou aguaceiros, por vezes fortes e pontualmente acompanhados de trovoadas e granizo. Também se registaram dias com chuva fraca ou chuviscos e/ou aguaceiros fracos.

No final do mês o teor de água no solo tinha aumentado face ao mês anterior e apresentava-se à capacidade de campo, índice CC (>99), em toda a região.

As reservas de água superficiais eram superiores às verificadas no mês anterior. Encontravam-se à sua capacidade máxima e com níveis de armazenamento bastante acima do normal para a época. As reservas de água subterrâneas também registavam níveis superiores ao normal para a época. Foi excessiva a disponibilidade de água para as necessidades das culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, as condições foram desfavoráveis para a instalação e desenvolvimento das culturas de outono-inverno. Durante o mês não foram realizadas sementeiras de cereais praganosos, mantendo-se as áreas reduzidas

instaladas em novembro, em especial de trigo mole. Prevê-se que não existirão condições para a realização de novas sementeiras de cereais, incluindo de cevada, devido ao estado de saturação e alagamento dos solos. O desenvolvimento das pastagens encontrava-se atrasado face a igual período do ano anterior, devido às sementeiras mais tardias, mas afetado principalmente pelas baixas temperaturas e excesso de água. As condições de saturação e alagamento dos solos não permitiram o corte das culturas forrageiras anuais. De forma transversal, estas culturas denotavam sintomas de asfixia radicular e não permitiram nem o pastoreio nem os cortes habitualmente realizados. As baixas temperaturas favoreceram a acumulação de horas de frio indispensáveis para as culturas permanentes. Nos olivais as temperaturas baixas registadas nas primeiras semanas de janeiro terão uma influência positiva na diferenciação floral, sendo necessário que ainda ocorram mais horas de frio. Devido à elevada precipitação, algumas áreas de olival sobretudo em zonas baixas, encontravam-se alagadas, antevendo-se que a permanência dessas condições possa provocar a morte das oliveiras por asfixia radicular. A chuva intensa impossibilitou a realização de algumas operações culturais, tais como tratamentos fitossanitários pós-colheita e podas. Nos citrinos, designadamente na laranja, face à ocorrência de vento muito forte na última semana, verificou-se pontualmente alguma queda de frutos em pomares mais expostos, mas sem grande significado em termos de quantidade. As condições climatéricas não permitiram a instalação da cultura de batata, encontrando-se as sementeiras atrasadas na região. No início do mês terminou por fim a colheita do milho de regadio para grão, tendo ficado alguns campos por colher devido ao excesso de humidade e apodrecimento do grão, com consequentes perdas de produção. As condições meteorológicas desfavoráveis, com precipitação elevada condicionaram as colheitas realizadas a partir de novembro e provocaram custos mais elevados e maior dispêndio de tempo com a secagem devido à maior humidade do grão.

Na **Grande Lisboa**, o mês caracterizou-se pela sucessiva passagem de sistemas depressionários, associados a condições meteorológicas típicas de um período invernal, nomeadamente três episódios de instabilidade em que se destacam as depressões Ingrid (25 e 26 de janeiro), Joseph (27 de janeiro) e Kristin (28 e 29 de janeiro), que condicionaram de forma significativa o estado do tempo. A depressão Ingrid esteve associada à precipitação persistente e vento moderado a forte, promovendo a saturação dos solos. A depressão Joseph reforçou este padrão, mantendo chuva frequente e vento forte, potenciando impactos cumulativos. O episódio mais severo ocorreu com a depressão Kristin, caracterizada por rajadas de vento muito fortes e precipitação intensa, constituindo o evento mais impactante do mês.

A temperatura máxima foi superior ao normal para a época e a temperatura mínima registada foi pontualmente inferior à normal para a época, registando-se as maiores amplitudes térmicas diárias de 8,5°C e 8,6°C nos dias 17 e 24, respetivamente. As temperaturas registadas ao longo do mês corresponderam a um padrão de inverno moderado, sem ocorrência de condições extremas.

Os dias foram maioritariamente muito nebulados, com formação de neblina em alguns locais da faixa costeira e junto ao rio Tejo.

No final do mês registou-se um agravamento da intensidade do vento, associado às perturbações atmosféricas anteriormente descritas, com ocorrência de rajadas estimadas entre 70 km/h e 100 km/h. Estas condições provocaram alguns danos, nomeadamente em coberturas e depósitos instalados em determinadas explorações agrícolas da região, assim como queda de árvores.

Ao longo do mês, houve vários sistemas frontais que trouxeram precipitação frequente à região, tanto em forma de aguaceiros como períodos de chuva contínua, contribuindo para um estado hídrico do solo caracterizado por saturação prolongada, com uma

acentuada precipitação a partir do dia 20, fazendo com que no final do mês ultrapassasse o valor normal para a época em mais do dobro.

A humidade relativa diária foi muito elevada ao longo de todo o mês.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, no final do mês todos os concelhos da região encontravam-se à capacidade de campo, índice CC (>99).

Neste período em análise, as linhas de água apresentavam caudais elevados e os níveis de armazenamento de águas superficiais e subterrâneas encontravam-se muito acima da média para a época, resultando em excesso hídrico generalizado no solo, que se traduziu em inundações de grande parte dos terrenos agrícolas.

A precipitação intensa condicionou a realização das sementeiras de culturas forrageiras e de cereais de outono-inverno, bem como as operações de adubação e aplicação de herbicidas nos terrenos já semeados, devido à impossibilidade de circulação de maquinaria agrícola em solos saturados de água. Nos campos semeados e fertilizados durante os meses de outubro e novembro, a ocorrência de precipitação excessiva favoreceu fenómenos de lixiviação, comprometendo a disponibilidade de nutrientes para as plantas e prejudicando o desenvolvimento inicial das culturas. Na cultura da vinha decorreram as operações de poda das videiras registando-se, contudo, um menor rendimento da intervenção em consequência da saturação hídrica dos solos, que condicionaram o acesso e a execução dos trabalhos. O material vegetal resultante da poda foi triturado no local, em simultâneo com as operações de corte do enrolamento. No que concerne às pereiras, durante o período em análise prosseguiu a execução das operações de poda. No entanto, estas atividades foram frequentemente interrompidas ao longo do mês em virtude da precipitação registada e do consequente encharcamento prolongado dos solos. Estas condições edafoclimáticas condicionaram significativamente as operações de remoção e transporte da lenha resultante

da poda, bem como a sua eliminação por queima, de acordo com as práticas fitossanitárias recomendadas no combate ao fogo bacteriano. No olival, em toda a região verificou-se a saturação hídrica dos solos e situações de inundação o que, associado às baixas temperaturas do solo, originou descoloração foliar, em parte devido a situações de asfixia radicular. Os fenómenos meteorológicos adversos registados, caracterizados por precipitação intensa e ventos fortes, em conjugação com solos saturados, provocaram a queda de oliveiras jovens, particularmente aquelas com sistemas radiculares superficiais ou debilitados, bem como de algumas árvores adultas.

Na **Península de Setúbal**, as temperaturas máximas registaram em geral valores próximos da temperatura normal para a época. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais irregular ao longo do mês e frequentemente acima do normal para a época.

As maiores amplitudes térmicas foram registadas em meados do mês (14,9°C no dia 19 na estação de Pegões) e as menores amplitudes térmicas no início do mês (3,1°C no dia 2 na estação de Setúbal).

No final do mês as horas de frio acumuladas e comparativamente ao registado no ano anterior, atingiram valores inferiores na estação de Setúbal e superiores na de Pegões.

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado, com alguns dias de céu encoberto. Apenas no início do mês houve alguns dias com céu pouco nublado ou limpo. Ocorreu neblina ou nevoeiro matinal casualmente, mais frequente em meados e no final do mês.

O vento soprou frequentemente forte, com registo de rajadas de maior intensidade no final do mês, salientando os valores extremos registados no dia 28 com a passagem da depressão Kristin.

Janeiro decorreu muito chuvoso, com precipitação praticamente todos os dias e com maior intensidade no final do mês, sob a influência da depressão Kristin. O

total de precipitação mensal foi o dobro do valor normal para a época.

A humidade relativa do ar foi elevada e superior à registada no mês anterior.

No final do mês todos os solos da região mantinham-se à capacidade de campo, índice CC (>99), situação que já tinha sido atingida no mês de dezembro. A disponibilidade de água nos solos era abundante, verificando-se encharcamento de muitos terrenos agrícolas e grande aprovisionamento de água nas barragens e aquíferos subterrâneos. Comparativamente ao mesmo período no ano anterior, a saturação e encharcamento dos solos é notoriamente superior.

Face à favorável situação hídrica dos solos, não se verificaram situações de escassez de água para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, de salientar o vento extremo na tempestade Kristin no dia 28 de janeiro, que provocou episódios de vento muito forte em curto espaço de tempo, bastante destrutivos, com consequentes estragos devido a quedas de árvores, danos em construções e estruturas, corte e/ou condicionamento de estradas. A nível de estufas, causou prejuízos em estruturas e coberturas (plásticas e/ou de rede) com efeitos em perdas de produção e reorganização de calendários de produção. À semelhança do mês anterior, os solos permaneceram encharcados, impossibilitando a entrada de máquinas agrícolas nos terrenos, não tendo sido possível a sementeira de consociações, de culturas forrageiras, nem de cereais praganosos de outono-inverno. Também as intervenções habituais nesta altura do ano em vinhas e noutras culturas permanentes, como as podas, os tratamentos de inverno e o controlo de infestantes, foram dificultadas, pelo que se encontram atrasadas. Os produtores aguardam que os solos apresentem condições de circulação que lhes permita efetuar as intervenções necessárias, apesar de estarem apreensivos com a possibilidade de continuação de condições adversas no mês de fevereiro.

Nas tangerineiras, os fenómenos extremos, nomeadamente queda de granizo e ventos fortes prolongados provocaram danos significativos na cultura, com perda de produção. No amendoal, as intervenções necessárias a nível de tratamentos fitossanitários também estavam atrasadas devido à intensa precipitação, aguardando condições propícias à sua realização. No final do mês o estado fenológico era o de gomo dormente, sendo expectável que o início da floração decorra a partir de meados de fevereiro. No que diz respeito à cultura da batata, pouca área se semeou durante este mês devido ao encharcamento dos solos, sendo que as sementeiras deveriam ter sido iniciadas no final do mês de dezembro. Nestas condições e com a impossibilidade de entrada das máquinas agrícolas, a colheita da batata estival foi dificultada e por vezes impossível de ser efetuada. Pela mesma razão, a cenoura foi frequentemente colhida à mão, sem recurso a meios mecânicos. O continuo encharcamento dos solos, para além do condicionamento na circulação das máquinas agrícolas, contribuiu também para situações de asfíxia radicular, que no caso de se revelarem muito prolongadas poderão levar ao apodrecimento do sistema radicular e conseqüente morte das plantas, dependendo da sensibilidade das espécies em causa. Relativamente às horas de frio, as temperaturas mínimas que se registaram contribuíram para a contabilização ao longo do mês e foram favoráveis às culturas permanentes, com as plantas em fase de dormência vegetativa, sendo que um valor superior seria ainda mais benéfico.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações da região.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Com as árvores em repouso vegetativo, nos pomares de pera Rocha continuaram a decorrer podas sanitárias para remoção de material vegetativo infetado como medida de contenção à propagação do fogo bacteriano. Mas devido às condições climatéricas esta atividade foi realizada a um ritmo menor do que no mês anterior.

Na vinha, as condições climatéricas causaram atraso nas fertilizações e dificultaram a realização de tratamentos fitossanitários de inverno. A elevada precipitação conciliada com baixas temperaturas irá limitar a população de pragas. Os elevados níveis de água no solo aumentam a probabilidade de ocorrência de focos de doenças fúngicas.

Nos pomares de limão, a precipitação dificultou a realização de tratamentos necessários para proteção do míldio.

No olival, as condições climatéricas não favoreceram o desenvolvimento ou instalação de novos focos de doenças. Apenas surgiram alguns fungos saprófitos (essenciais para o ecossistema, decompõem restos de animais e plantas reciclando nutrientes para o solo). Não se justificou a realização de tratamentos fitossanitários.

Nas culturas hortícolas de ar livre, com o excesso de água houve desenvolvimento de fungos e bactérias que causaram problemas de podridão. Os tratamentos possíveis foram realizados manualmente, mas em muitas situações não houve essa oportunidade, resultando em perda de produção.

Médio Tejo

Nos olivais, as condições climatéricas que se registaram durante o mês não favoreceram o desenvolvimento ou instalação de novos focos de doenças exceto alguns fungos saprófitos, pelo que não se justificou a realização de tratamentos fitossanitários.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nos pomares de citrinos, designadamente de laranja, não se verificaram doenças com significado, tendo havido oportunidade para a realização de tratamentos fitossanitários preventivos para o míldio, a podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*) e a antracnose.

Nos olivais não foram identificadas pragas, mas verificava-se uma elevada preocupação com o excesso de humidade, por potenciar o aparecimento de fungos e doenças associadas. Devido à precipitação, não houve oportunidade de realização de tratamentos pós-colheita, antevendo-se a possibilidade de desenvolvimento de algumas doenças como a tuberculose, da qual têm surgido bastantes focos nos últimos anos.

Grande Lisboa

As culturas perenes encontravam-se, de um modo geral, em fase de dormência vegetativa, observando-se as principais pragas predominantemente no estágio hibernante, não tendo sido registadas ocorrências com relevância fitossanitária ao longo do período em análise.

Contudo, nos limoeiros mantiveram-se focos ativos de míldio, bem como sintomas de alternariose, causada por *Alternaria alternata*, e de septoriose, associada a *Septoria citri*. A aplicação dos respetivos tratamentos fitossanitários não foi possível em consequência da precipitação intensa registada ao longo do mês, que condicionou o acesso aos pomares devido ao encharcamento dos solos e à consequente impossibilidade de circulação de máquinas agrícolas.

No olival, as condições climatéricas observadas ao longo do mês não foram favoráveis ao desenvolvimento ou à instalação de novos focos de doenças, à exceção da presença pontual de fungos saprófitos, para os quais não se justificou a realização de tratamentos fitossanitários.

Península de Setúbal

No geral não se verificou incidência de pragas e doenças dignas de registo. Devido às condições climatéricas e consequente dificuldade de entrada das máquinas agrícolas nos terrenos, frequentemente não foi possível efetuar os tratamentos fitossanitários próprios desta época, com as culturas permanentes em fase de dormência.

Concretamente no que diz respeito às tangerineiras, não se registaram ataques de pragas ou doenças fora do habitual. Foram observadas situações pontuais e de baixa intensidade, controladas através de monitorização regular e tratamentos oportunos, cuja eficácia foi considerada adequada. Não se verificaram prejuízos relevantes para além do expectável em condições normais de produção.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, geralmente espontâneas e algumas pontualmente melhoradas, apresentavam disponibilidade de alimento para os animais em pastoreio direto, em geral pequenos ruminantes, mas o encharcamento dos solos dificultou a presença dos animais no campo.

Houve necessidade de reforço de alimentação natural conservada (fenos). À semelhança do mês anterior, o excesso de água no solo e a precipitação elevada não permitiram semear forragens anuais. No final do mês as áreas instaladas eram bastante menores do que habitualmente e resultavam das sementeiras realizadas em outubro e novembro. Devido às condições meteorológicas e do solo, no final do mês havia produtores que não tinham iniciado a instalação das culturas forrageiras anuais. Apesar de já ser muito tarde, se houver condições em fevereiro, alguns produtores ainda preveem semear azevém e outros substituir a cultura por cevada forrageira, embora com uma previsibilidade de produtividades inferiores ao normal. Também é previsível o aproveitamento de forragem de azevém de nascimento espontâneo em áreas instaladas na campanha anterior, devido à queda de semente resultante da colheita tardia. As forragens semeadas em outubro e novembro apresentavam um bom aspeto vegetativo, mas com um desenvolvimento bastante mais lento devido ao excesso de água no solo e à impossibilidade de realização de adubações. Para o seu desenvolvimento seria fundamental uns dias de sol e sem chuva. A situação identificada permite antever uma menor produção e aprovisionamento de forragens de outono-inverno este ano.

As condições de alimentação das espécies pecuárias estabuladas, no final do mês eram consideradas normais, muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado, porque a campanha anterior permitiu boas reservas de fenossilagem e silagem.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se com um desenvolvimento vegetativo muito estagnado, praticamente sem evolução face ao mês anterior. As condições climáticas não permitiram a realização de adubações e outras intervenções para a melhoria das pastagens. Os prados de regadio apresentavam um crescimento vegetativo lento, sem estarem dispostos a pastoreio. No que respeita às

culturas forrageiras anuais, especificamente o azevém encontrava-se com um desenvolvimento pouco evolutivo face ao mês anterior (no estágio de duas/três folhas) tendo presentes as condições de encharcamento dos solos, inibitórias do crescimento vegetativo das plantas.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, estes mantiveram-se estabulados nesta fase, a consumir os restantes alimentos conservados disponíveis nas explorações (forragens verdes, fenos e fenossilagem). As rações industriais estavam a ter um peso muito superior relativamente a igual período do ano passado. As reservas de alimentação conservada estavam no final do mês quase esgotadas, uma vez que, nesta altura do ano, seria expectável que os animais já se encontrassem em pastoreio.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, as pastagens no geral apresentavam um desenvolvimento reduzido. As culturas forrageiras tinham um desenvolvimento normal para a época, embora com um ligeiro atraso comparativamente ao ano anterior devido à sementeira mais tardia. O encharcamento dos solos não permitiu o acesso das máquinas agrícolas para a realização de cortes precoces, os quais por norma melhoram a qualidade das forragens.

No que respeita às condições de alimentação, devido à chuva intensa os bovinos de raça brava de lide, que se encontravam em pastoreio nos montados, tiveram de ser deslocados para zonas de charneca com terrenos menos alagadiços e pastagens mais fracas. Por esse motivo, houve necessidade de aumentar a administração de fenos ou palhas. Os bovinos para carne em regime extensivo encontravam-se a comer à mão, fenos. As pastagens não apresentavam condições para pastoreio, quer pela escassez de alimento quer pela impossibilidade de movimentação dos animais. Os bovinos de leite encontravam-se a consumir alimentos conservados da campanha anterior, como silagem de milho e azevém.

Na **Grande Lisboa**, as pastagens permanentes de sequeiro e os prados de regadio apresentaram um fraco desenvolvimento vegetativo, limitado pelas condições edafoclimáticas desfavoráveis registadas ao longo do mês. Perante este contexto, o pastoreio direto continuou suspenso, de forma a salvaguardar o coberto vegetal e a manter os prados em adequado estado vegetativo, assegurando a sua utilização após a subida das temperaturas e secagem dos solos necessárias à consequente retoma do crescimento vegetativo. O elevado número de dias com precipitação, associado a valores elevados de humidade relativa do ar, contribuiu para solos encharcados, impossibilitando a prossecução das sementeiras de culturas forrageiras, nomeadamente consociações, azevém, tritcale e aveia, bem como a adubação dos terrenos semeados. As sementeiras de azevém efetuadas em novembro apresentavam um desenvolvimento vegetativo reduzido, observando-se pontualmente sintomas de asfixia radicular.

As espécies pecuárias, com particular incidência nos bovinos, encontravam-se maioritariamente em regime de alimentação à base de forragens conservadas, designadamente fenossilagem. Em comparação com o período homólogo do ano anterior, verifica-se a manutenção de uma situação idêntica no que respeita ao regime alimentar dos efetivos.

Na **Península de Setúbal**, não houve grandes alterações relativamente ao referido no mês anterior. A continuação das condições de precipitação ao longo de todo o mês, com consequente encharcamento dos solos não permitiram o aumento da área semeada de pastagens nem de culturas forrageiras. Continuou a não ser possível efetuar o primeiro corte para silagem das forrageiras instaladas mais precocemente, que se previa ter sido iniciado em meados de dezembro. O coberto vegetal encontrava-se no final do mês e em geral, com bom vigor vegetativo. No entanto, nalgumas zonas o crescimento foi lento ou inexistente e o aspeto amarelado, devido ao excesso de água no solo.

Ao longo do mês o pastoreio direto do gado bovino continuou a ser possível nos solos que permitiam o pisoteio do gado, alternado com suplementação de fenossilagem e feno. No caso dos ovinos continuaram a verificar-se condições adversas relativamente às infestantes, prejudiciais na sua alimentação.

Continuaram a verificar-se condições propícias relativamente às quantidades de silagem, fenossilagem e feno em reserva, que permitirão fazer face à alimentação do efetivo pecuário por períodos consideráveis. O elevado aprovisionamento dos suplementos naturais do ano passado permitiu que nesta fase a alimentação à base de ração industrial tenha sido inferior à da campanha anterior.



Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram, como germinaram; aspeto vegetativo das searas, variação de áreas semeadas relativamente ao ano anterior, motivos da variação caso se tenha verificado

No **Oeste**, à semelhança do mês anterior, em janeiro não foram semeados cereais praganosos de outono-inverno porque os solos se mantiveram saturados de água, sem possibilidade de circulação de maquinaria agrícola. Devido à situação climatérica desfavorável verificada desde novembro para a instalação destas culturas, no final do mês a área semeada, designadamente de trigo, era muito inferior ao habitual na região. Uma boa parte dos produtores ainda não tinha iniciado as sementeiras, sendo ainda muito incerto se as irão fazer, embora alguns já tenham desistido devido à falta de condições. Com excesso de água no solo, as áreas de trigo semeadas em outubro e novembro apresentavam um desenvolvimento muito lento e nos terrenos mais encharcados havia plantas amarelecidas, a morrer por asfixia radicular. Se as condições do tempo permitirem, poderá haver alguma substituição de área de trigo por cevada, que na região se instala habitualmente em fevereiro e março.

No **Médio Tejo**, não se verificou qualquer evolução relativamente às poucas áreas semeadas em novembro com cereais praganosos. O atraso na sua instalação deveu-se essencialmente às condições climatéricas, em especial às chuvas persistentes e, por vezes, intensas que não permitiram a entrada das máquinas nos terrenos, encontrando-se os solos muito encharcados. Relativamente às poucas áreas semeadas de trigo mole e aveia, as condições climatéricas que ocorreram durante todo o mês inviabilizaram o desenvolvimento adequado das culturas, comprometendo definitivamente estas produções. As searas estavam no geral alagadas e as plantas encontravam-se amarelecidas e a definhar por asfixia do seu sistema radicular. Houve poucas oportunidades para proceder às sementeiras de cevada. Os produtores aguardaram condições meteorológicas mais favoráveis, mas essas não se verificaram ao longo do mês. Nesta fase, a realização das sementeiras é já muito difícil e está fora do período recomendado. Prevê-se uma redução significativa de áreas semeadas de cereais praganosos relativamente ao ano anterior, ainda não sendo possível estimar essa variação.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, a área semeada era muito reduzida, não tendo sido realizadas sementeiras durante o mês, à semelhança dos dois meses anteriores. Antevê-se que as condições climatéricas não permitam a realização de mais sementeiras destas culturas, designadamente de trigo e cevada. Nas áreas instaladas as plantas apresentavam sintomas de asfixia radicular, observando-se plantas amarelecidas e a morrer devido ao encharcamento persistente dos solos.

Na **Grande Lisboa**, até ao final do período em análise, não se iniciou a sementeira dos cereais praganosos de outono-inverno, devido à impossibilidade de circulação de maquinaria agrícola nos terrenos, que se mantiveram com elevados níveis de encharcamento ao longo do mês. Prevê-se o início da instalação da cevada dística durante o mês de março, caso as condições climatéricas e o

estado físico do solo venham a permitir a realização das operações culturais em condições técnicas adequadas. Relativamente aos restantes cereais praganosos, nomeadamente o trigo, mesmo que em março se verifiquem condições edafoclimáticas favoráveis à execução dos trabalhos agrícolas, a sua instalação será considerada extemporânea, pois deixa de respeitar o calendário agronómico adequado, com impacto direto no desenvolvimento, produtividade e viabilidade económica das culturas. Conforme referido em relatórios anteriores, a redução da área semeada de cereais é igualmente condicionada por fatores de natureza económica, designadamente os baixos preços pagos à produção. Estes têm vindo a apresentar uma tendência decrescente, revelando-se insuficientes para cobrir os custos de produção. Prevê-se que este enquadramento económico possa conduzir, a médio prazo, ao abandono progressivo destas culturas por parte dos produtores.

Na **Península de Setúbal**, no final do mês os campos de triticales recém semeados encontravam-se encharcados, com probabilidade de apodrecimento das sementes ou das plantas recém germinadas. À semelhança do mês anterior, as condições climatéricas, com consequências no encharcamento dos solos e impossibilidade de entrada das máquinas agrícolas, inclusivamente nos solos mais arenosos, dificultaram ou mesmo impossibilitaram a realização de sementeiras de cereais de pragana. Concretamente no que diz respeito às culturas de ciclos mais curtos, para grão ou para feno, as sementeiras previstas para este mês não se chegaram a efetuar, sendo que em fevereiro já será muito tarde para as realizar.



Pomares de citrinos: estado vegetativo e produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

No **Oeste**, os pomares de limão apresentavam um bom estado vegetativo e uma boa quantidade de frutos prontos a colher e outros em desenvolvimento. Durante o mês foram realizadas colheitas, com frutos de boa qualidade, pelo que se estimava um ano de boa produção, semelhante ao anterior. No entanto, o vento de elevada capacidade destrutiva que se verificou no final do mês com a passagem da depressão Kristin, provocou em alguns pomares mais expostos, principalmente em alguns concelhos do Alto Oeste, uma queda massiva dos frutos e estragos profundos, partindo ou arrancando árvores. Nos pomares mais afetados houve perda total da produção, sendo necessário aguardar pela recuperação das árvores e por nova floração na primavera. Os frutos caídos e muitos dos que permaneceram nas árvores ficaram sem qualidade comercial. Devido à destruição de uma parte da produção, haverá menor quantidade de limão disponível na região.

No **Médio Tejo**, os pomares de limão encontravam-se em fase de colheita, mas sob muitas dificuldades pelas condições climáticas ocorridas na região ao longo do mês.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) instalados em solos bem drenados apresentavam um razoável estado vegetativo. Devido à chuva contínua verificou-se atraso na colheita. Como referido anteriormente, a produção será bastante inferior à dos últimos anos, agora ainda mais acentuada com a queda de frutos devido ao vento forte. Verificou-se uma ligeira melhoria da qualidade e do calibre dos frutos em relação ao estimado. A menor oferta de produção devido ao atraso na colheita criou uma expectativa de subida de preço, pelo que os produtores procuram realizar colheitas sempre que as condições do

tempo permitirem de forma a beneficiarem de melhores preços.

Na **Grande Lisboa**, nos pomares de limoeiros observou-se uma elevada percentagem de frutos com coloração amarelada indicativa de maturação, tendo sido dada continuidade às operações de colheita ao longo do mês.

Na **Península de Setúbal**, nos pomares de limoeiros foi efetuada colheita de frutos, com boa qualidade e calibre e sem problemas fitossanitários assinaláveis.

Relativamente às tangerineiras, no final do mês encontravam-se em fase final de maturação dos frutos, continuando a colheita prevista para meados de fevereiro, se tudo decorrer conforme expectável. A produção apresentava-se com boa qualidade, com calibres elevados, coloração uniforme e bons teores de *brix* e de acidez. As perspetivas globais apontam para uma produção semelhante ou ligeiramente superior à do ano anterior, tanto em quantidade como em qualidade, não se estimando quebras significativas associadas a fatores climáticos ou fitossanitários.



Azeitona para azeite, estado vegetativo e produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

No **Oeste**, os olivais encontravam-se em repouso vegetativo, favorecido pelas baixas temperaturas e forte precipitação registada durante o mês. Encontravam-se ainda a decorrer podas. A saturação hídrica dos solos associada à baixa temperatura dos mesmos, causou alguma descoloração foliar, favorecida por asfixia radicular pontual. Com o vento forte causado pela passagem da depressão Kristin no final do mês associado à saturação de água nos solos, verificou-se alguma queda de oliveiras. A produtividade dos olivais tradicionais de sequeiro, centenários ou mais jovens, foi ligeiramente menor do que na campanha anterior. Em média a funda oscilou entre 13% e 14%, ligeiramente

acima do ano precedente. De um modo geral foi um ano excecional e de elevada qualidade de azeite.

No **Médio Tejo**, as oliveiras encontravam-se em repouso vegetativo. A saturação hídrica dos solos e por vezes excesso de água ou inundações, associado à baixa temperatura, provocou nas oliveiras descoloração foliar, favorecida por alguma asfixia radicular pontual. Finda a campanha 2024/2025, os produtores aproveitam as madeiras de maiores dimensões, resultantes das podas que realizaram para facilitar a colheita e queimam ou trituram no local o material vegetal restante.

A campanha 2024/2025 em termos quantitativos foi significativamente superior à do ano anterior, com produtividades médias mais elevadas especialmente nos olivais tradicionais e/ou centenários que caracterizam a região, sendo os principais responsáveis por esse aumento. Os novos olivais tradicionais de sequeiro com maior densidade de oliveiras, também registaram uma maior produtividade, embora não tão expressiva. O rendimento médio em azeite ao longo da campanha, posicionou-se entre os 11% e 12%. De uma forma geral foi um ano de elevada qualidade dos azeites obtidos. Nos olivais intensivos de regadio a colheita encontrava-se finalizada. A produtividade nestes olivais verificou-se ligeiramente inferior à do ano anterior, mas acima do previsto inicialmente, contribuindo o facto da azeitona ter mantido boas condições fitossanitárias até mais tarde do que o habitual e ter assim permitido uma quantidade mais elevada de azeitona transformada. No entanto, é estimada uma maior quantidade de azeite comparativamente à campanha anterior pelo maior rendimento médio de azeitona em azeite, que rondou os 14%. A qualidade do azeite foi muito boa.

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, os olivais encontravam-se em repouso vegetativo. Com a precipitação frequente manteve-se a dificuldade de realização de tratamentos pós-colheita e podas. A produtividade média foi superior à da campanha anterior. Embora se tenha verificado uma diminuição da

qualidade no decorrer da campanha, em geral confirma-se ser um bom ano de produção de azeite, de qualidade muito superior à da última campanha, com a maior parte dos azeites produzidos classificados como virgem extra. O rendimento médio da azeitona em azeite rondou os 14%, verificando-se uma maior produção de azeite relativamente à campanha anterior.

Na região da **Grande Lisboa**, no final do mês, as oliveiras encontravam-se em repouso vegetativo, em resultado das baixas temperaturas e da elevada precipitação registada. A campanha 2024/2025 foi marcada por condições climáticas caracterizadas por elevados níveis de humidade e temperaturas, que favoreceram o desenvolvimento de doenças fúngicas, com particular incidência na gafa. Adicionalmente, ocorreram episódios de precipitação intensa e vento forte, os quais tiveram impacto direto tanto na produção como na qualidade da azeitona, sobretudo nas variedades de maturação tardia. Apesar das condições adversas, em alguns olivais foi possível observar uma produtividade ligeiramente superior à registada na campanha anterior, evidenciando diferenças associadas às condições edafoclimáticas locais e às práticas culturais adotadas. Relativamente ao rendimento da azeitona, os valores estabilizaram acima dos 15%, superiores aos verificados na campanha precedente, refletindo uma evolução favorável do teor em azeite ao longo da campanha. A qualidade da azeitona e dos azeites foi negativamente influenciada pelos fortes ataques de gafa, sobretudo na fase final da campanha. Observou-se uma diminuição gradual da qualidade, mais acentuada nas azeitonas colhidas após os primeiros episódios de precipitação outonal. De um modo geral, a azeitona colhida antes das chuvas apresentou melhor qualidade, o que se traduziu na obtenção de azeites com melhores características organolépticas. Apesar da tendência de ligeira degradação ao longo da campanha, a qualidade global foi considerada aceitável. Importa salientar que, não obstante as adversidades climáticas e fitossanitárias registadas, a campanha foi, de forma global, avaliada como muito positiva, tendo sido possível

obter azeites de elevada qualidade, particularmente nos lotes provenientes de colheitas precoces e de olivais com adequado controlo fitossanitário.

Na **Península de Setúbal** mantém-se o referido no relatório de novembro: *“A colheita da azeitona para azeite, que se tinha iniciado na segunda quinzena de outubro, terminou no final deste mês. A qualidade do fruto colhido foi, em geral, muito boa, sem incidências de mosca da azeitona. Após a ocorrência de precipitação verificou-se alguma presença de gafa, mas pouco significativa. A produtividade e rendimento foram superiores à campanha anterior, bem como a qualidade do azeite produzido. O rendimento na extração para azeite registou valores de 12% e 13% no início da campanha e de 9% no final, devido ao efeito da precipitação na qualidade da azeitona colhida.”*

9 de fevereiro de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	18,4 ^{a)}	16,5	18,6	17,7	18,2	18,8	17,5	19,2	18,0 ^{d)}	17,6
Dia	4 ^{a)}	2	4	9	30	2	2 e 4	2	4 ^{d)}	28
Valor médio da temperatura máxima (°C)	14,7 ^{a)}	14,2	14,7	15,1	15,5	14,9	14,5	15,2	14,1 ^{d)}	14,4
Temperatura máxima normal para a época (°C)	15,3	—	14,3	15,1	15,5	15,5	14,8	15,5	—	15,1
Temperatura mínima (°C)	0,3 ^{a)}	1,0	0,2	4,8	0,9	0,4	1,7	-0,5	-1,2	-4,1
Dia	18	18	18	28	18	19	18	19	6	6
Valor médio da temperatura mínima (°C)	6,7 ^{a)}	7,9	7,9	9,5	7,1	6,5	7,4	6,2	5,2	4,9
Temperatura mínima normal para a época (°C)	4,0	—	5,4	8,6	5,2	5,2	5,8	3,4	—	2,8
Temperatura média normal para a época (°C)	9,7	—	9,8	11,8	10,3	10,3	10,3	9,5	—	8,9
Horas de frio acumuladas	458	282	342	183 ^{b)}	341	461	330	535	579	649
Rajada máxima de vento (Km/h)	68,8 ^{a)}	128,9	111,2	109,8	86,4	112,3	94,3	90,0	132,8	69,8
Dia	23 ^{a)}	28	28	28	28	28	28	28	28	28
Número de dias com precipitação	24 ^{a)}	27	28	25 ^{c)}	26	30	26	28	25 ^{d)}	25 ^{e)}
Precipitação acumulada no mês (mm)	235,6 ^{a)}	229,9	214,0	239,6 ^{c)}	200,1	207,2	149,6	201,7	148,3 ^{d)}	170,7 ^{e)}
Precipitação normal para a época (mm)	112,6	—	81,3	103,8	90,6	74,0	80,3	67,9	—	82,5
Precipitação diária máxima no mês (mm)	30,8 ^{a)}	29,2	25,8	41,6 ^{c)}	37,9	33,2	22,4	33,4	27,4 ^{d)}	24,0
Dia	21 ^{a)}	21	2	21 ^{c)}	27	27	27	27	27 ^{d)}	28
Humidade relativa diária mínima (%)	37 ^{a)}	47	45	37	39	47	36	44	39 ^{d)}	38 ^{e)}
Humidade relativa máxima (%)	97 ^{a)}	100	99	100	97	100	99	100	100	100

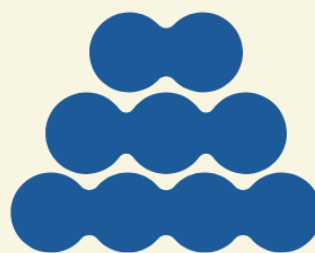
Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

- a) Falha de dados nos dias 1, 2, 3 e 28.
- b) Dados registados na estação meteorológica da Tapada da Ajuda.
- c) Falha de dados nos dias 5, 6, 10, 18, 19 e 29.
- d) Falha de dados nos dias 28 e 29.
- e) Falha de dados nos dias 3 e 31.

– Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT